

## **Introdução: Identidade e trocas culturais**

### **Introduction: Identity and cultural exchanges**

Letícia Sousa Campos da Silva

Universidade Federal Fluminense

Desde as propostas de renovação teórico-metodológicas efetuadas pelo movimento intelectual que se convencionou denominar Escola dos Annales, tornou-se cada vez mais frequente – a ponto de já não mais causar estranhamento – a importação de questões e temáticas provenientes de outras áreas de saber nas análises de cunho historiográfico. Sobretudo a partir dos anos 70, a parceria entre a história e a antropologia passou ao primeiro plano em detrimento dos diálogos anteriormente travados pelos annalites das primeiras gerações com a sociologia, a geografia e a demografia. Tão grande foi esta associação com os antropólogos que isso impulsionou o desenvolvimento do campo da História Cultural, um dos principais enfoques escolhidos para as mais recentes histórias produzidas atualmente. Podemos listar entre os questionamentos recorrentes desta perspectiva as tentativas de compreensão das práticas e das representações sociais, das religiosidades populares, das relações entre os níveis de cultura presentes na sociedade e da construção e dos mecanismos de inclusão/exclusão das identidades dos diversos grupos sociais.

Se, por um lado, a dimensão – “aquilo que o historiador traz para primeiro plano em seu exame de determinada sociedade” (BARROS, 2010: 1) – faz parte de uma escolha pessoal dentro do leque de possibilidades existentes, há uma série de outras condições sociais de produção que incidem sobre as histórias escritas. Sobretudo acerca da última área de concentração temática citada acima, para além da consideração desta tendência da historiografia em voga, não podemos ignorar o momento específico em que vivemos. O século XXI, caracterizado por inovações tecnológicas de ordem tal que implicam uma redução das distâncias entre as pessoas de diferentes partes do globo, parece igualmente registrar algumas alterações na paisagem cultural, tais como a relativização das concepções de classe, de gênero, de sexo, de raça, de nacionalidade. A percepção da complexidade das

novas relações sociais tem favorecido as reflexões sobre a pluralidade e a fluidez de significados das categorias de pertencimento. Sendo assim, o repensar das identidades nos diferentes contextos históricos desponta como uma das grandes preocupações de nosso tempo.

E não apenas propriamente no âmbito da história. Mikhail Bakhtin, Roland Barthes e Michel Foucault – sendo os dois primeiros principalmente críticos literários e o terceiro da área da filosofia –, ao colocarem em questão a autoria e a unicidade do sujeito, não obstante cada um fazê-lo à sua maneira, trouxeram à tona a ideia de uma identidade forjada coletivamente. Outra contribuição neste sentido foi efetuada por Pierre Bourdieu consoante sua afirmação de que a identidade é um “ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros” (BOURDIEU, 1989: 117). Do mesmo modo como muitos outros conceitos do sociólogo, estamos também diante de uma proposta relacional. Desde a popularização destes pontos de vista, parece ser bastante improvável as produções mais recentes não os mencionarem seja com uma intenção de ratificação ou de reelaboração de seus pressupostos.

É neste quadro mais amplo que se situa este dossiê. Três dos trabalhos contidos aqui foram apresentados na mesa redonda 'Identidade e Contatos Culturais' durante o I Encontro Discente de História Antiga e Medieval promovido na Universidade Federal Fluminense em agosto passado pela Revista *Plêthos* em colaboração com a Coordenação do Curso de História dessa universidade, informação que justifica a manutenção deste mesmo nome para esta seção. Os autores, embora convidados, tiveram a liberdade de escolherem os temas a serem abordados e, naturalmente, suas perspectivas em relação aos mesmos. Tanto é assim que, espacialmente, os contextos analisados diferem bastante.

Sandro Teixeira Moita, ao realizar alguns apontamentos no campo militar sobre as relações entre godos e romanos tendo como marcos temporais a Batalha de Adrianópolis em 378 e a Batalha do Rio Frigidus em 394, observou não somente o quanto os contatos entre estes dois povos experimentaram diferentes formas de manifestação como também certas mudanças na identidade 'gótica', principalmente no que tange à sua expressão política.

Procurando adequar o conceito de identidade para os estudos sobre a Europa Medieval, Isabela Dias de Albuquerque analisou o que se convencionou chamar de

Inglaterra durante o reinado de Alfred, o Grande (871 – 899), momento em que se identificam contatos entre os antigos habitantes do território – em sua maioria jutos, anglos e saxões – e as populações escandinavas recém-chegadas de um processo de migrações. Para tal, ela utiliza dois textos do período fontes.

Já o trabalho de Anna Carla Monteiro de Castro, embora também baseado em interpretações sobre uma fonte textual elaborada durante a Idade Média – as Siete Partidas del Rey Don Alfonso el Sábio – prioriza uma análise historiográfica. A autora aqui examinou a pertinência de determinados pontos de vista sobre a questão da convivência harmônica entre cristãos, judeus e muçulmanos na 'Espanha' medieval.

Mais distante espacial e temporalmente está Moacir Elias Santos, o qual analisou, por meio de fontes textuais, iconográficas e arqueológicas, as fronteiras sociais e os limites da integração de povos estrangeiros ao contexto funerário egípcio no período do Reino Novo (c. 1550-1070 a.C.)

Esperamos, enquanto Comitê Editorial da Plêthos, que com este dossiê os estudantes de diferentes níveis possam perceber a relevância da discussão do campo temático da identidade para os estudos sobre a Antiguidade e o Medievo.

## **Bibliografia**

BARROS, José D'Assunção (2010). Sobre a noção de 'Campo Histórico', *História e-História*, 1, 1-1.

BOURDIEU, Pierre (1989). A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.